

EDITORIAL

Os artigos contidos neste quarto volume da revista Tapuia são, em sua maioria, resultados das apresentações realizadas durante o I Encontro Laboratório Meteoro e Revista Tapuia, intitulado *Cosmologias do Múltiplo e Formas de Vida Anticoloniais*, que ocorreu no dia 24 de junho de 2024, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Neste encontro, estiveram presentes pesquisadores de diversas universidades divididos entre três eixos temáticos: Ontologias da Diferença e Cosmologias da Multiplicidade; Pensamento Libertário: Abolicionismos e Filosofias Contra-coloniais; e Corpos Rebeldes e Filosofia para Além do Ocidente. Foi um dia de intensa alegria, com um grande público composto por alunos, professores e integrantes da comunidade externa - movimentos sociais, resistentes da Aldeia Maracanã, trabalhadores de todos os setores - tanto presencialmente quanto por meio das plataformas virtuais. Mais do que um simples registro, este número não tem como propósito a impossível tarefa de reviver o encontro, mas busca trazer ao leitor um pouco do vento libertário, de luta, de resistência e de rebeldia que tocaram os corpos presentes naquele acontecimento.

A ideia de cosmologias do múltiplo, que dá título ao evento e à revista, nos força a problematizar as noções de unidade, universalidade, e identidade, e, em certa medida, a colocar em perspectiva todo um modo hegemônico de filosofar que podemos caracterizar como herdeiro de uma cosmovisão ocidental. No entanto, essa problematização, devido a sua força libertária, deve ir muito além de um simples relativismo ingênuo, que ainda estaria demasiadamente atrelado aos pressupostos do pensamento ocidental. A simples concepção de um mundo relativizado por meio de um conglomerado de indivíduos atomizados, ou seja, um cosmo diversificado a partir uma simples soma de representações subjetivas, torna-se uma proposta simplista diante de todo um conjunto de poderosas e singulares expressões de pensamento que vemos, agora mais do que nunca, surgir com suas problematizações anti/contra/pós/coloniais. Assim, novas formas de vida ganham expressão, processos libertários e abolicionistas ganham voz e visibilidade, ontologias alternativas não podem mais ser negligenciadas, e corpos rebeldes ainda não estereotipados ou capturados são produzidos. Em suma, estamos diante de um conjunto de complexidades que permite abordar modos múltiplos de ser, pensar e agir, colocando de lado todo pensamento que se contentaria com uma representação unitária e reconhecido como propriedade de um espírito racional,

centralizador e universal; ou seja, uma filosofia que seria apenas a projeção da forma-Estado e de suas outras máscaras: indivíduo, homem, hetero, adulto, ocidental. Os artigos produzidos neste número emergem desse espírito de resistência e ruptura.

No primeiro artigo, *A Anarquia é a revolta contra as bases da filosofia política moderna*, Acácio Augusto retoma a analítica das relações de poder na modernidade, desenvolvida por Foucault, para pensar as guerras em curso na atualidade e as lutas libertárias no presente em sua dimensão antipolítica. Com isso, podemos ver como a lógica estatal opera, desde seu nascimento, no sentido de capturar as revoltas para manter a normalidade, fazendo uso de um discurso institucional e, mesmo, democrático. Esta lógica também aparece como uma estratégia colonial, que toma como universal a noção europeia de estado, e tem como objetivo a eliminação da figura discursivamente fabricada do *selvagem*, enquanto o outro da civilização. Mas ao lado dessa figura, vemos surgir também a ameaça do *bárbaro*, um outro tomado como inimigo público que não negocia, que não é anterior ao pacto social, mas que o ameaça continuamente. É ainda este inimigo público permanente que é reativado de tempos em tempos, pela fabricação dos: vândalos; anarquistas; imigrantes ilegais; terroristas. Diante disso, a *cultura libertária* aparece menos como um se voltar para um projeto futuro de sociedade, e mais como um fazer contínuo no agora, uma ética da autonomia.

No texto seguinte, Camila Jourdan, mantendo o mesmo título do congresso *Cosmologias do múltiplo e formas de vida contracoloniais*, apresenta paralelos entre a cosmovisão contracolonial do filósofo e líder quilombola Nego Bispo e o pensamento antropológico de David Graeber, problematizando a ideia de que o princípio da troca representaria algo de fundamental nas relações sociais. Seu objetivo é destacar elementos de recusa ao eurocentrismo e avançar nas análises dos limites da representação, com foco na linguagem e na sociabilidade. O artigo conclui que a forma da civilização ocidental e a forma progresso são etnocidas, pois pretendem universalizar o que não é universalizável, reduzindo a vida à esfera da representação e do negociável.

Em *Trans-anarquia: transição como [pós-]Janarquismo*, Cello Latini Pfeil propõe uma análise do *trans-anarquismo* a partir de sua organização conceitual e de sua condição de resistência ou “anti-assimilacionista”, além de sua própria materialidade nas corporalidades transgressoras de gênero. Há uma luta a ser travada contra o cientificismo que insiste em definir critérios sobre as questões de gênero. Cello propõe um olhar sobre a patologização das transgressões a partir do conceito de *Outridade*, recuperado em Grada Kilomba, de modo a

contrapô-lo ao *sujeito moderno*. Além disso, argumenta uma contradição entre a defesa da legitimidade do poder do Estado e o direito à diferença. Outro ponto vislumbrado pelo autor é a possibilidade de criação de outros mundos, propondo que a linguagem e o corpo podem ser tomados como mecanismos de autodefesa contra a normatividade (*hetero-cis*, entre outras), imposta na modernidade.

Em *Um pensamento que incomode como andar na chuva*, Cleide Maria de oliveira analisa a poesia de Alberto Caeiro, heterônimo do escritor português Fernando Pessoa, enfocando a ideia de um "pensar-sentir" que não requer exterioridade de referência. Assim, a partir do misticismo de Caeiro, que se revela na compreensão de que o real é incognoscível, faz-se necessária uma “aprendizagem de desaprender” para desenvolver novas estratégias de pensamento que superem uma visão antropomórfica, na qual o mundo é tomado apenas como um reflexo de si mesmo.

Izabela Bocayuva, em *Disputar o universal? Ou não? Do universal ao Diversal*, problematiza o conceito filosófico de “universal” e sua base epistêmica na cultura ocidental. Essa problematização leva ao que a autora chama de “diversal”, terminologia criada por Nêgo Bispo enquanto caminho alternativo para pensar as realizações humanas a partir da pluralidade, sem precisar disputar uma “melhoria” interpretativa quanto a um humanismo universalista que não consegue mais esconder sua hipocrisia. A autora expõe então mais um conceito ou modo de ser e agir de Negô Bispo diante das forças de dominação hegemônicas: o contracolonialismo. O artigo se encerra com uma paráfrase de Marx junto com um importante conceito de Lélia Gonzales: Amefricanos, uni-vos!

O artigo de Luís Felipe Bellintani Ribeiro, *Universalismo Decolonial*, nos traz uma dupla e intrigante questão: seria o “universalismo um conceito unívoco”, ou seja, uma via invariavelmente dominante, capaz de submeter a multiplicidade das coisas à força do “um”? Ou ele apenas esconderia uma polissemia de “unidades recaladas” carentes de libertação por meio do pensamento filosófico? Com essas questões em mente, Bellintani promove uma defesa pragmático-conceitual do universalismo, não sem antes desconstruir, histórico-culturalmente, as armadilhas em que o conceito foi lançado pelos conquistadores, onde a sempre e tão propalada “evolução civilizacional” denotaria de fato o “avanço da barbárie autolegitimada”.

Já Peter Franco, em seu *Ensaio sobre as narrativas da identidade nacional*, analisa três momentos da história recente do Brasil, mostrando como a ideia de uma identidade nacional assume uma nova forma, por assim dizer, a cada nova época. Assim, essa

identidade, que não é fixa, altera-se de acordo com interesses políticos e jogos simbólicos de representação de uma certa brasiliade. De maneira efetiva, o autor examina momentos da cultura nacional, com foco em algumas canções de grande expressão popular e na produção do sentido de ser brasileiro.

Em *O corpo e o afeto ainda são heterossexuais?*, Richard Roseno Pires apresenta a heterodivisão corporal e a monocultura dos afetos como produtos e efeitos de investimento das redes de saber-poder coloniais, ou seja, como uma performance em contínua relação. Assim, diante da impossibilidade do corpo e da afetação serem algo em si mesmos e na medida em que rituais cotidianos ainda performam uma *natureza pura* em oposição aos desvios e anomalias, assegurando a falsa ideia de uma *natureza sexual* e uma *natureza afetiva*, fica claro como a contraposição dualista entre *natureza* e cultura serviu e ainda serve à invasão colonial e à colonização como um investimento político público.

No artigo *Corpos sintonizados: hecceidade e devir em um conto de Guimarães Rosa*, Rodrigo Carqueja de Menezes visa apresentar um modo de pensar a relação humano-natureza sem que seja necessário reduzir diferenças ao esquema do mesmo. Para isso, utiliza como exemplo uma estória de Guimarães Rosa, deixando claro que aprender a se dirigir ao outro não pode ser o que resulta de uma compreensão, mas sim a condição de toda e qualquer compreensão real.

No artigo *Por um ensino de geografia decolonial e antirracista: reflexões emancipatórias a partir da Lei 10.639/2003*”, produzido por Luiz Gustavo Borges do Rosário, Marcyo do Espírito Santo Balthazar e Davi Lobo da Silva Alves Tomé, encontramos a proposta de uma abordagem que tem como referência a lei de 2003, que altera o artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira no currículo das escolas públicas e particulares, do ensino fundamental ao médio. Assim, por meio da valorização da história dos povos afrodescendentes e de suas contribuições para o avanço de conhecimentos - marginalizados na maioria dos casos - os autores mostram como, a partir dessas condições, o ensino de Geografia pode desempenhar um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, que reconhece e valoriza as contribuições dos povos pretos desde a diáspora africana.

Em *Políticas de perigo: o paradoxo entre lembrança e esquecimento e a literatura testemunhal como política de memória do clandestino*, Mariana Carneiro de Barros propõe refletir sobre o sentido do paradoxo nas políticas públicas e culturais de memória e verdade

que ocorreram no Brasil, buscando conceder mais consistência a uma ideia de transição para a democracia ou para uma forma de relação política expandida que fosse mais próxima dela. Assim, esta reflexão busca, nas categorias inseridas na epistemologia inaugurada pela Memória Política e suas relações com a Teoria Literária, lançar luz sobre o pensamento crítico e político advindo dessa forma de conhecimento própria da América Latina.

Paula Anunciação Silva e Robson Gomes de Brito em *A temporalidade do Xirê do candomblé no ‘O Grito’: uma leitura da arte afrodiáspórica à obra de Sidney Amaral*, combinam pesquisa bibliográfica com uma leitura investigativa do ritual de Candomblé. Os autores consideram a temporalidade como um elemento fundamental para iniciar uma leitura e a presentificação da arte, interpretando-a como uma tecnologia ancestral africana. Para essa análise, foi utilizada a proposta do tempo espiralar, desenvolvida por Leda Maria Martins, que, conectada ao ideograma Adinkra Sankofa do povo Akan, resulta em uma leitura perspectivada na afrocentricidade, ao mesmo tempo em que referencia a vivência e os saberes em diáspora, fomentando uma postura decolonial.

Em “*Vai buscar quem mora longe*”: “*Sonho meu*” ou “*Tambor*” ou lá onde a flecha aponta, Rafael Haddock-lobo apresenta um texto dançante, repleto de cantos e pontos, com uma problematização bastante singular, que envolve encantamentos falados e o ato de (des)escrevê-los. Sobre as “humanidades encantadas” e num jogo entre encantamento e sonho, Rafael nos apresenta seu conceito de “*hiperempiria*”, ou seja, uma hipótese sobre algo que carece de comprovação empírica, a saber: “a macumba é sonho”. A partir de uma certa metafísica do encantamento, ele nos diz que “certos sonhos” antecipam a realidade, já participando de sua tecitura. Para o autor, com base em suas próprias percepções; “a entrada em um terreiro é sempre uma passagem para o mundo dos sonhos”, e os “mestres macumbeiros” são aqueles que “nos abrem esse outro mundo, no qual o sonho é a única (hiper) realidade”; um *lócus* plural em que um “caminhante do antigamente” pode se aquecer com o passado e encantar nosso presente. Decerto, trata-se de um texto riquíssimo, que nos leva do mundo místico dos sonhos à pluralidade empírica dos terreiros e seus encantos, o que não deixa de ser uma luta ou tentativa de democratizar a própria ideia de *encantamento*, como propõe o autor.

O volume contém ainda uma tradução ao português do artigo *Desacuerdo Profundo, Ignorancia Activa Y Activismo Epistémico*, inicialmente publicado na revista *Cuadernos de Filosofía*. Neste texto, o autor Blas Radi explora o problema dos *desacordos profundos*, tal como formulado pela leitura que Robert Fogelin faz da filosofia da linguagem tardia de

Wittgenstein. Blas Radi aborda *desacordos profundos* que existem em condições e relações de poder assimétricas entre os agentes envolvidos, defendendo que alguns destes desacordos se fundam na noção de *ignorância ativa*. A *ignorância ativa* seria aquela que, em sociedades desiguais, serve diretamente à manutenção de privilégios, quando o sujeito da ignorância em questão se protege visando manter a sua incompreensão, já que se beneficia dela diretamente. Por meio da interpretação que Radi apresenta da noção de *ignorância ativa* como sendo gramatical, o artigo nos ajuda a ver que, em casos como estes, quando ativistas se retiram, não sentam às mesas de negociação, *não dão palanque pra fascistas*, pintam paredes, protestam, entre outras práticas insurrecionárias, tratam-se de *atos de fala* perfeitamente razoáveis, talvez muito mais razoáveis ou, mesmo, efetivos (ainda que se trate aqui de criar sentidos e não ganhar pautas) do que tentar argumentar quando as argumentações cessam. Mas mais importante do que dizer que tais práticas insurrecionárias podem ser racionais, nos parece ser justamente a conclusão a que o artigo nos permite chegar, razão mesma para que queiramos divulgá-lo na Tapuia, pela qual insistir em manter uma prática argumentativa, quando não existem pressupostos mínimos para a argumentação, é parte dos problemas existentes em sociedades desiguais como a nossa, pois além de ser profundamente antiético, seria violento.

Assim, ao chegarmos ao fim deste editorial, queremos enfatizar que a Revista Tapuia e sua equipe editorial agradecem a todas as pessoas que escreveram para este número e a todas aquelas que, direta ou indiretamente, participaram da organização do I Encontro Laboratório Meteoro e Revista Tapuia, intitulado *Cosmologias do Múltiplo e Formas de Vida Anticoloniais*. Multiplicando todas essas vozes em um coro dissonante, poderoso e criador, dedicamos este número aos resistentes da Aldeia Maraka'nã e a todas as lutas contra os terrorismos de Estado.